

XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXVIII Jornadas de Investigación. XVII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. III Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional. III Encuentro de Musicoterapia. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2021.

Manejo com madres de psicóticos em grupos terapéuticos.

De Sá Leitão De Sousa Freitas, Mona Lisa, De Abreu Silva, Raquel Amazonas y Gomes, Maria Aparecida De França.

Cita:

De Sá Leitão De Sousa Freitas, Mona Lisa, De Abreu Silva, Raquel Amazonas y Gomes, Maria Aparecida De França (2021). *Manejo com madres de psicóticos em grupos terapéuticos. XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. XXVIII Jornadas de Investigación. XVII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. III Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional. III Encuentro de Musicoterapia. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-012/939>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/even/ww9>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MANEJO COM MADRES DE PSICÓTICOS EM GRUPOS TERAPÉUTICOS

De Sá Leitão De Sousa Freitas, Mona Lisa; De Abreu Silva, Raquel Amazonas; Gomes, Maria Aparecida De França Universidade Potiguar. Natal, Brasil.

RESUMEN

Buscamos comprender el proceso de enfermedad de las personas con sufrimiento mental severo, así como la aceptación de ellas y sus familias, que comúnmente está representada por la figura materna. Así, el artículo presenta algunas experiencias con las madres de usuarios del Grupo Viva, un proyecto de extensión de la Universidade Potiguar. Las consultas revelan los discursos de las madres de los usuarios y sus resistencias, lo que, a su vez, atrae una mirada más cercana, con el propósito de resaltar la gestión de la asistencia dirigida a las madres de los psicóticos, a través de la cual emerge la dinámica relacional de control en la interfaz de la anulación del sujeto psicótico. Uno de los objetivos del Grupo Viva es producir contornos solidarios en la relación madre-hijo, con miras a ayudar a la construcción de la autonomía del sujeto psicótico. Para ello, se brindó atención individualizada a madres y usuarios; atención grupal con talleres temáticos y visitas domiciliarias, ofreciendo apoyo a estas personas, habilitando un ámbito de atención a la crisis psicótica de cara a sus cruces. En este sentido, los aportes del psicoanálisis apoyaron la dirección del cuidado, ya que buscó asegurar el lugar de habla del sujeto, teniendo en cuenta el manejo de la transferencia.

Palabras clave

Psicosis - Autonomía - Familia - Escuchando

ABSTRACT

MANAGEMENT WITH MOTHERS OF PSYCHOTICS IN THERAPEUTIC GROUPS

We seek to understand the illness process of people with severe mental suffering, as well as the acceptance of them and their families, which is commonly represented by the mother figure. Thus, the article presents some experiences with the mothers of users of Grupo Viva, an extension project of Universidade Potiguar. The consultations reveal the discourses of the users' mothers and their resistance, which, in turn, attracts a closer look, with the purpose of highlighting the management of the assistance directed to the mothers of psychotics, through which the relational dynamic of control emerges at the interface of the psychotic subject. One of the goals of Grupo Viva is to produce supportive contours in the mother-child relationship, with a view to helping the construction of the autonomy of the psychotic subject. For this purpose, individual care was

provided to mothers and users; group care with thematic workshops and home visits, offering support to these people, enabling a sphere of care for the psychotic crisis in the face of their crossings. In this sense, the contributions of psychoanalysis supported the direction of care, as it sought to ensure the subject's place of speech, taking into account the handling of transference.

Keywords

Psychosis - Autonomy - Family - Listening

Manejo com mães de psicóticos em grupos terapêuticos

O manejo com as mães de pacientes psicóticos se dá por meio de uma escuta acurada, onde observam-se as ambivalências afetivas, a necessidade de controle sobre o outro, sobretudo no tocante a restrição da autonomia do sujeito psicótico, imputada pelas mães, diante de uma lógica protetiva do mundo, enquanto ambiente externo, que foge às fronteiras do olhar materno.

Metodologia

A metodologia utilizada no Grupo Viva tem como sustentáculo a psicanálise, que promove a escuta do sujeito a partir do seu lugar de fala, de modo que o analista ocupa o lugar de secretário do alienado, viabilizando a escuta ativa, se fazendo presente nesse movimento de escutar a fala do sujeito, atento aos discursos e a linguagem que manifesta o desvelamento do inconsciente. O Grupo Viva disponibiliza atendimentos individuais e em grupo (presencial e remoto), aos usuários e familiares, acolhimento, acompanhamento terapêutico, visita domiciliar, atendimento à crise, entre outras demandas. O atendimento em grupo é direcionado para os usuários, e conta também com um grupo voltado aos familiares, que ocorrem simultaneamente a cada 15 dias. O projeto promove, uma vez por mês, um grupo terapêutico conjunto com os usuários e familiares, contribuindo para a formação dos vínculos afetivos. Os atendimentos individuais têm duração média entre 30min a 40min, e os atendimentos em grupo têm duração de uma 1 hora, com oficinas que são sugeridas pelos usuários. Os atendimentos em grupo promovem um ambiente de pertença, estimulando a autonomia do paciente, de maneira que o sujeito pode falar o que vem à cabeça, numa associação livre dos pensamentos, que emergem do inconsciente, que no psicótico está à céu aberto, mediados por um professor coordenador do grupo.

Estrutura Psicótica

Na estrutura psicótica, o sujeito está exposto à não inscrição do significante que não se instalou no simbólico, mas volta no real, ou seja, algo do regulamento do Nome-do-Pai. O sujeito é inserido no campo do regramento, previamente instituídos pela sociedade ou pelos hábitos e costumes familiares, de modo que, o papel paterno é preponderante para estabelecer os cortes, os limites entre o imaginário, o significante e o real, sobretudo na relação entre a figura materna e o filho (a). Segundo Lacan (1901-1981, p. 582) “é num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial”, assim Lacan pontua que essa condição da estrutura psicótica é o que a diferencia da neurose.

Vale ressaltar que a função paterna se fundamenta na representação simbólica, não necessariamente diz respeito a um pai biológico, mas daquele que desempenha esse papel. O pai que encarna a função paterna numa família nuclear coloca-se geralmente entre a mãe e o filho (a), impedindo que a criança seja inteiramente atraída para dentro da mãe e refreando a mãe de tragar seu filho (a) (Fink, 2018). Dessarte, a figura que representa a função paterna estaria colocando a barra, dando limites nessa relação entre mãe e filho (a), onde o desejo do filho (a) deveria ser, para a mãe, a única satisfação, assim como para o filho (a), nesse entendimento. Portanto, o não estabelecimento da função paterna, numa determinada faixa etária, pode deixar de fazer sentido ou efeito, quando se dá em outro momento, por exemplo, na vida adulta. Para Fink, “A função paterna é atuante numa certa idade, ou nunca será. A psicanálise lacaniana, embora proponha ajudar o psicótico, não tem como modificar sua estrutura: uma vez psicótico, sempre psicótico”. (Fink, 2018; p.86).

Diante desses conceitos e concepções formuladas pelos autores, pode-se iniciar uma compreensão da figura materna, propriamente dita, evocando seus conceitos e atitudes em relação aos filhos psicóticos. Não raramente, os integrantes do Grupo Viva se deparam com mães dominadoras, controladoras, e partem do pressuposto de que as escolhas que fazem para os filhos são as melhores e mais assertivas. Tal atitude, limita quase que por completo a autonomia do sujeito psicótico, o que de certa forma, suprime a elaboração da liberdade de ser no mundo, de desbravar novas possibilidades em face a sua estrutura psíquica. A todo momento, a mãe regula as expectativas do filho (a), ao ponto de interferir na autonomia e no seu modo de ser separado dela.

Relato de Experiência no Grupo Viva

Nas sessões direcionadas aos familiares do Grupo Viva, foi possível compreender que mesmo diante de necessidades subjetivas e suas especificidades, há algo que é perceptível na instância do *ethos* coletivo das mães, que é um lugar de angústia em razão das atividades rotineiras, como também, dos cuidados

dispensados aos filhos com sofrimento mental grave. Diga-se de passagem, que essa angústia foi potencializada nos últimos tempos, em razão do isolamento social, do distanciamento, do medo, entre tantas outras questões que foram evidenciadas durante esse período decorrente da pandemia por Covid-19. As queixas demandadas pelas mães, conduziram o atendimento para o âmbito do cuidado, na perspectiva de possibilitar, com elas, um espaço de escuta compreensiva e acolhedora, que pudesse vislumbrar um desvelamento, um novo olhar para si. Observou-se, nitidamente, a dominação materna sobre os filhos, a despeito do posicionamento, às vezes, discordante dos filhos diante da superproteção materna, ou seja, desse lugar que ocupa na vida da mãe, embora seja esse discurso que os sustente, na chamada “cola” com a mãe. Alguns relatos das mães, também trazem os significantes da “desobediência”, da “teimosia”, da independência do filho (a), que de acordo com o discurso das mães tal autonomia torna-se inviável, uma vez que para elas o filho está na condição de alienado, que demandam atenção o tempo todo, entretanto, não se apercebem como mantenedora do laço materno, como se ainda estivessem, mãe e filho (a), ligados ao cordão umbilical.

Desta feita, segue-se alguns relatos vivenciados no grupo direcionado para as mães, iniciando com a fala produzida por uma das mães, a saber, que de acordo com o discurso proferido, essa mãe se sente numa condição confortável, por assim dizer, pois prefere ter seu filho medicado, conseqüentemente inanimado e apático, do que tê-lo ativo, com seus próprios desejos, um sujeito autônomo, dessa forma consegue manter o filho sob controle. O que para o analista, torna-se uma tarefa desafiadora, na medida em que se depara com uma relação consolidada, como se a figura materna estivesse completamente colada ao filho, e esse corte, essa ruptura, é um processo que depende do querer fazer da mãe, muito mais do que do filho, haja vista que a mãe poderá estabelecer os cortes necessários para a ruptura do cordão que os une. Por vezes, a figura materna terceiriza a responsabilidade para os psiquiatras, tendo em vista o aumento da dosagem dos medicamentos causam uma dependência e inércia dos pacientes, desta forma, se desresponsabilizando, de certa forma, do papel materno que também inclui a condução da autonomia dos seus filhos. Enquanto isso, a relação transferencial tem que ocorrer de forma irrestrita, dando sustentação às decisões do paciente psicótico, para além do que é esperado pela mãe, na constituição de sujeito de desejos, subjetividades e possibilidades. Ao mesmo tempo, esse lugar de conforto estabelecidos pela mãe diz respeito a um recurso, por ela encontrado, para promover uma proteção ao filho, conforme relatam que é para “proteger os filhos das ruas, das más companhias, da preocupação de vê-los saírem de casa sem o controle do seu retorno, e também das suas ações”.

Assim sendo, como analisar essas questões maternas, cujo discurso se fundamenta na proteção do seu filho? Diante disso, o analista se depara com os diagnósticos contemporâneos, que

propõem uma prática de saberes que regulam os sujeitos, dentro de uma lógica medicamentosa. O sujeito neurótico “é aquele dividido em seu desejo inconsciente, atravessado pela cultura e pelos determinantes sociais da saúde”. (Buss & Pellegrine Filho, 2007 *apud* Basoli & Benelli, 2019). Isto posto, o mecanismo de patologização das pessoas que são percebidas como “não normais”, exige a responsabilização social, de inserção de sujeitos, cujo as subjetividades não atendem aos padrões estabelecidos previamente pela sociedade.

Por outro lado, encontra-se um sujeito, questionando seu existir, em detrimento as horas de vigília, que diariamente não ultrapassam cinco horas; indubitavelmente o tempo, como marcador biológico, se apresenta como algoz, que suprime a sua vivência lúcida, com os efeitos colaterais causados pelos medicamentos, e de certa forma patologizando o discurso da ansiedade, da angústia, da depressão, dos sintomas potencializados pela letargia, dentro de uma lógica medicamentosa, que se apropria de sua vida, na pretensão de protegê-la.

Outro caso que pode ser citado é de uma mãe, que deposita a sua satisfação através das realizações da filha e suas vivências, os conflitos entre ambas são contumazes, ademais, é patente a relação entre a neurose narcísica da mãe e a psicose da filha, também narcisista. Contudo, é perceptível a admiração que a mãe demonstra pelos feitos da filha. Entretanto, o mesmo sentimento de controle e dominação é presente na relação de ambas, mesmo a filha traçando seus planos de vida, como a construção de uma carreira profissional, por exemplo ou requisitando sua autonomia, a mãe se coloca no lugar da decisão final, mantenedora da melhor decisão em relação à filha, mesmo essa filha sendo maior de 18 (dezoito) anos.

Outras mães, mantém os filhos por sua tutela, sob a cola, por assim dizer, se fazendo indispensáveis na vida e nas escolhas de seus filhos. Mulheres que, em sua maioria, criaram seus filhos sozinhas, sem a barra da função paterna, se colocando entre eles e assumindo toda a demanda vinda de seus filhos e onde o desejo do filho deveria ser para a mãe, a única satisfação e vice-versa. Nesse sentido, Calligaris define que:

Qualquer tipo de estruturação do sujeito, seja neurótica ou psicótica, é uma estruturação de defesa, no sentido freudiano, no sentido em que Freud fala de psicose de defesa. É uma estruturação de defesa na medida em que se subjetivar, existir como sujeito (barrado pela castração, como na neurose, ou não, como na psicose), obter algum estatuto simbólico, alguma significação é necessária, para que o sujeito seja algo distinto do Real do seu corpo, algo Outro e mais do que alguns quilos de carne. Por isso o sujeito se estrutura em uma operação de defesa. (Calligaris, 1989; p.15)

Portanto, o espaço de convivência entre as mães, expondo seus anseios, angústias, preocupações, limitações, dentre outras questões, o não saber lidar com a situação fora do contexto que constituíram com seus filhos, coloca o analista na condi-

ção de ouvinte dessas demandas, de modo que a condução do atendimento se dá por meio da escuta, direcionando as mães a se auto escutarem, enquanto sujeitos subjetivos e singulares, que se coloca no mundo. Com isso, vislumbrando a perspectiva de construir com elas e não para elas, esse espaço catártico, de elaboração, partindo desse lugar de fala que dialoga com esse espaço constitutivo, relevante e potente, no que tange a dinâmica de vida, pelo qual, a escuta integra um conceito de pertencimento, de identificação e acolhimento. Para tanto, Luccia (2018), corrobora:

Como a psicanálise pode contribuir para pensar um outro tipo de agrupamento, que possa ser um remédio contra a solidão e segregação social e, ao mesmo tempo, não seja exclusivamente atrelado à identificação como fator de ligação, mas que reserve espaço privilegiado para a produção da singularidade e da diferença, dentro do laço. (Luccia, 2018)

Considerações Finais

Diante desse relato de experiência junto aos usuários e familiares, participantes do Grupo Viva, observamos a necessidade de lançar um olhar debruçado sobre as dinâmicas relacionais das mães de pacientes psicóticos, com o intuito de auxiliar a distensionar essa relação entre mãe e filho (a), onde cada um, a sua maneira, poderá construir, em certa medida, uma autonomia de vida singular, de desejos, planos e vivências, sem o peso de perder a identidade em função do outro, mas possibilitando uma convivência em família, cujas individualidades de sujeitos possam ser preservadas e respeitadas. Embora trata-se de dois registros psíquicos distintos, mães e filhos (as), necessitam de suporte que se comprometa a assistir dois tipos de estruturas clínicas neste artigo relatadas, quais sejam a neurose e a psicose, atenuando o sofrimento do usuário, como também de seus familiares, direcionando a centralidade dos cuidados para a figura materna, cuja orientação e preparação para lidar com o psicótico, muitas vezes, lhe falta. Assim como para o psicótico, que necessita viver sua vida, que insiste em ser tolhida, por não fazer parte de uma normatização social.

Tenório (2001) contribui dizendo que:

Podemos dizer a dificuldade de constituir o próprio campo do Outro como isso que ele é para nós, neuróticos: o campo de nossa existência (social), o campo simbólico onde um sujeito (simbólico/social) pode se realizar e se exercer como sujeito (Tenório, 2001, p. 98).

BIBLIOGRAFÍA

- Basoli, L.P., Benelli, S.J. *Medicalização como Sintoma Social Dominante: estratégia a partir do Paradigma Psicossocial*. Revista de Psicologia da UNESP 18(número especial), 2019. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1550/1360> acesso em: 02 de jul. de 2021.
- Calligaris, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Ed. Artes médicas, 1989.

- Fink, B. *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro/RJ - 2018.
- Lacan, J. *Escritos, 1901-1981*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 1998.
- Luccia, D.P.B. *A atuação do Psicanalista com grupos e instituições: teoria e relatos de intervenção a partir de Freud e Lacan*. São Paulo:2018. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-29012019-175420/publico/luccia_parcial.pdf> Acesso em: 02 de jul. de 2021.
- Tenório, Fernando. *Psicanálise e reforma psiquiátrica, um trabalho necessário*. In: Figueiredo, Ana Cristina (Org.). *Psicanálise: Pesquisa e Clínica*. Rio de Janeiro: IPUB/CUCA, 2001. Disponível em, <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1283296&pid=S1679-4427200700010000300017&lng=pt>. Acesso em: 02 de jul de 2021.